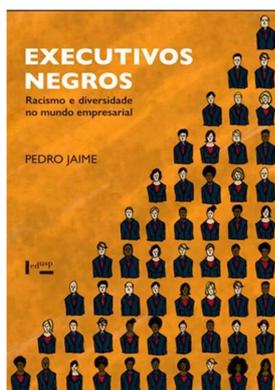


RESENHA

JAIME, Pedro. **Executivos Negros: Racismo e Diversidade no Mundo Empresarial**. São Paulo: EDUSP, 424 p.

Edson Sadao Iizuka, Dr.
Centro Universitário FEI/Brazil
esadao@fei.edu.br



A discriminação, o preconceito e as injustiças contra os negros são persistentes, com raízes profundas e aparentemente insolúveis. É entristecedor, para dizer o mínimo, que em pleno século XXI ainda tenhamos que conviver com exemplos deploráveis tais como nos estádios de futebol em que jogadores são chamados de macacos e “torcedores” jogam bananas no gramado. É uma violência brutal e que envergonha a humanidade! O cotidiano, aliás, está impregnado de situações em que negros e negras são desrespeitados, pelas atitudes, violências, palavras e até mesmo pelo olhar desconfiado e discriminatório nas escolas, no trabalho, nas ruas e até mesmo em suas próprias famílias no momento em que negam a sua própria condição enquanto negros. A despeito de situações corriqueiras em diversos lugares e momentos, compreender, de fato, o racismo requer uma boa dose de sensibilidade e também de coragem para ingressar num universo tortuoso das relações humanas imiscuídas de preconceito.

Nesse contexto, situa-se a obra de Pedro Jaime. Ele é o autor do livro “Executivos Negros - Racismo e Diversidade no Mundo Empresarial”, guiado por uma curiosidade visceral, investigou a partir de uma abordagem socioantropológica a trajetória de duas gerações de executivos negros que atuavam em corporações sediadas em São Paulo. A base utilizada para esse livro foi a sua tese de doutorado, a qual conquistou o primeiro lugar no Prêmio Tese Destaque USP como a melhor tese defendida nesta universidade entre os anos de 2011 e 2012 nas áreas das ciências humanas. O autor combinou técnicas e métodos qualitativos, em alto nível, com destaque à história de vida e à etnografia, mas também ao uso de documentos e observações. Trabalhou ainda para que alguns clássicos nacionais, tais como Roberto DaMatta, Florestan Fernandes, Kabengele Munanga e Gilberto Freyre; e autores estrangeiros de grande envergadura tais como Pierre Bourdieu, Vicent de Gaulejac, Jürgen Habermas, Edgar Morin e Alain Touraine estivessem em diálogo ao longo do livro, constituindo-se numa das qualidades desta publicação.

O livro foi organizado em três partes, além do prefácio, da apresentação e da introdução, na qual o autor explana a maneira como olhou para a questão racial no mundo empresarial. A parte 1 traz dois capítulos teóricos, que esclarecem ao leitor qual foi o modelo interpretativo utilizado na pesquisa. A parte 2 foca na primeira geração de executivos negros e a parte 3 é dedicada à segunda geração. Após essa sequência, são apresentadas as conclusões, um anexo metodológico e a bibliografia.

No Prefácio, o professor titular da USP e orientador de Pedro Jaime, Prof. Kabengele Munanga, contextualiza o livro diante da produção intelectual acerca do racismo e das relações raciais no âmbito nacional e internacional. Além disso, destaca que as falas dos entrevistados devem ser compreendidas dentro do contexto histórico marcado por disputas pelo direito à diferença e pela implementação de políticas de ação afirmativa. Conclui com a consideração de que o livro se constitui num esforço de atualização e ampliação no horizonte dos estudos sobre a inclusão do negro na sociedade brasileira. Na sequência, na Apresentação, o Prof. Gilles Herreros, co-orientador do autor e docente titular da Université Lumière Lyon 2, expõe os desafios metodológicos da pesquisa e reflete sobre a complexidade da compreensão do fenômeno, quando visto sob o prisma francês.

Voltando à estrutura do livro, os dois capítulos que compõem a primeira parte se ocupam em definir a base do modelo interpretativo, assim como situar a investigação diante dos conceitos, contextos e perspectivas da questão racial no Brasil.

Na parte 2, a partir de narrativas biográficas e trajetórias profissionais, apresenta-se a primeira geração de executivos negros, a qual se refere aos gerentes e diretores negros que ingressaram no mercado de trabalho no final dos anos de 1970. Vale destacar que nessa parte há um capítulo dedicado às executivas negras, as quais, em geral, encontram ainda mais dificuldade em suas trajetórias profissionais, uma vez que nelas o racismo se encontra com as desigualdades de gênero. Talvez pela importância de se pensar mais detidamente sobre esse assunto, caberia, inclusive, uma publicação futura focada nas experiências de mulheres negras exercendo funções executivas.

A parte 3 trata da segunda geração de executivos negros, ou mais precisamente “executivos negros em construção”, conforme apontou o autor. Ela é composta por jovens profissionais que ingressaram no mercado de trabalho no início do século XXI como *trainees* em grandes companhias. Buscando compreender o movimento que vem conformando essa geração, a análise vai além dos muros organizacionais, incorporando uma visão mais ampla e ao mesmo tempo integrada entre o espaço público e a cultura transnacional de negócios.

Em resumo, o livro trata dos percursos profissionais de duas gerações de executivos negros, os quais se diferenciam, sobretudo, pelo contexto histórico em que transcorreram, mas também pela forma como os seus representantes lidaram com o racismo presente nos ambientes social e organizacional. Na primeira geração de executivos negros, constituída por indivíduos com idade em torno dos 50 anos, percebeu-se o uso das estratégias defensivas. Ou seja, esses sujeitos recorreram ao silêncio e até mesmo à negação da presença do racismo como estratégia para lidar com um contexto social, político e institucional desfavorável aos negros. Nesse sentido, os relatos revelam, em boa medida, situações em que a solidão e a ausência de referências congêneres no ambiente do trabalho dificultavam a auto percepção, assim como inviabilizavam a troca de experiências entre os pares raciais.

A segunda geração de executivos negros, por sua vez, ingressou no mundo corporativo em meio às políticas de diversidade, as quais emergiram após anos de luta dos movimentos negros perante a sociedade e,

especialmente, o poder público. Sendo assim, de maneira distinta aos executivos negros da primeira geração, os *trainees* negros possuem uma visão positiva da sua identidade negra e também se revelaram bem menos tolerantes a qualquer tipo de constrangimento de ordem racial. Para além de uma compreensão isolada e fragmentada dos entrevistados, Pedro Jaime percebeu que a condição individual de cada executivo negro se conectava às condições sociais, políticas, culturais e do ambiente corporativo do momento em que ingressaram e evoluíram em suas carreiras.

A publicação é relevante, pois coloca luz sobre um assunto até então pouco estudado no Brasil, apesar de sermos um país com grande contingente de negros e pardos. Sem dúvida, cobre uma lacuna nos estudos sobre o racismo e as políticas de diversidade por olhar essas temáticas no contexto das corporações. E também deve ser destacado o esforço no sentido de comparar diferentes gerações situadas em contextos distintos e que, portanto, mereciam um tratamento ainda mais detalhado e cuidadoso por parte do autor.

Diante disso, acredito que os públicos leitores desse livro são os jovens estudantes, especialmente os negros, os quais podem compreender, por exemplo, possíveis situações de discriminação, assim como os porquês dos programas de diversidade nas empresas. Os executivos e profissionais da área de Recursos Humanos também podem se valer dos conteúdos e análises para a definição ou mesmo aperfeiçoamento de políticas de diversidade. Além disso, penso que professores e professoras de diferentes campos e disciplinas, tais como sociologia, antropologia, estudos organizacionais, gestão de pessoas e metodologia de pesquisa qualitativa, entre outras, podem utilizar-se da publicação em suas aulas. Finalmente, imagino que formuladores de políticas públicas podem se inspirar, a partir dos casos relatados, a pensarem em projetos e programas que ampliem e fortaleçam as políticas de combate ao racismo e de promoção da diversidade na sociedade brasileira.

Para finalizar, gostaria de retomar a “prece” que o autor toma de empréstimo do intelectual caribenho Franz Fanon para fechar sua introdução, provocando o leitor: “ao fim deste trabalho, gostaríamos que as pessoas, sintam, como nós, a dimensão aberta da consciência [...] ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona”. É um convite sensível e ao mesmo tempo profundo para que possamos refletir de maneira aberta sobre a questão racial nas empresas e até mesmo em espaços públicos e contextos transnacionais.